

DIÁLOGO ABERTO

Influenciadores digitais e o futuro dos jovens



Thaspol Sangsee/Shutterstock.com

FIQUE SABENDO →

Brasil é o 2º país em que usuários passam mais tempo *on-line*

Matéria discute o Relatório Global Digital 2024 que mostra que brasileiros passam mais de 9 horas conectados.

Brasileiros gastam tanto tempo na internet quanto ingleses e japoneses somados

Matéria reflete sobre o tempo e presença *on-line* dos brasileiros.

CARO Vapor II - qual a forma de pagamento?

Álbum do *rapper* cearense, Don L, aborda diversos temas que dialogam com a sociedade contemporânea, entre esses temas, Don L canta e faz crítica ao domínio das *bets*, *big techs*, algoritmos e *influencers* que se desesperam por *likes*.

Influenciadores digitais e o futuro dos jovens

Vivemos em um momento histórico em que a influência das redes sociais extrapola os limites do entretenimento. O que parecia ser apenas um passatempo (fazer vídeos curtos, fazer “dancinhas” para a câmera, publicar fotos das refeições etc.), hoje é sinônimo de negócios de um lado, e de dependência de outro. Os influenciadores digitais assumiram um papel central na formação de opiniões, valores e comportamentos, principalmente entre os jovens. Com milhões de seguidores, figuras carismáticas e midiáticas têm o poder de definir tendências de consumo, influenciar relacionamentos e até moldar visões de mundo.



PeopleImages.com – Yuri A/Shutterstock.com

No entanto, essa influência não é isenta de consequências. Nos últimos anos, um fenômeno em especial tem gerado grande preocupação entre educadores, famílias e autoridades: o envolvimento de influenciadores na promoção de jogos de azar e apostas *on-line*, conhecidos popularmente como *bets*. Embora essa prática tenha sido recentemente legalizada no Brasil, o seu alcance irrestrito e sedutor, somado à popularidade dos influenciadores, expõe milhões de jovens que pautam suas vidas pelos influenciadores a riscos financeiros, emocionais e sociais.

Um exemplo emblemático dessa questão é o caso da influenciadora Virginia Fonseca, que tem mais de 50 milhões de seguidores e é referência entre adolescentes. Em 2025, ela foi convocada a depor na Comissão Parlamentar de Inquérito das Apostas (CPI das *Bets*), instaurada pelo Senado Federal. O motivo? A veiculação de conteúdos em que aparecia ganhando dinheiro em plataformas de apostas *on-line*. No depoimento, Virginia reconheceu que os vídeos foram gravados com uma conta fornecida pela própria empresa de apostas, criada exclusivamente para fins publicitários e programada para vencer com mais frequência do que uma conta comum. Segundo especialistas ouvidos na CPI, o ocorrido pode configurar prática de publicidade enganosa.

Essa situação lança luz, ainda, sobre uma questão mais ampla: o desejo crescente de jovens brasileiros de se tornarem influenciadores digitais. Pesquisas recentes mostram que 75% dos jovens entre 14 e 25 anos afirmam sonhar com essa carreira. Muitos veem na produção de conteúdo uma chance de ascensão social rápida, livre das exigências de formação técnica ou acadêmica. Mas essa visão muitas vezes ignora a realidade da profissão: a enorme concorrência, a instabilidade financeira e a pressão constante por engajamento.



PeopleImages.com – Yuri A/Shutterstock.com

Uma reportagem do G1 de 2024 mostra que influenciadores mirins menosprezam a importância da educação e tentam convencer mais adolescentes a seguir seus passos. De fato, vem crescendo o número de jovens que negligenciam a escola para passar horas nas redes, consumindo conteúdos de influenciadores ou tentando viralizar. Em muitos casos, o estudo deixa de ser prioridade, pois é visto como “demorado” e não parece atrativo diante do brilho das telas.

Essa perspectiva pode ser perigosa. Uma matéria da revista Valor Econômico aponta que apenas 9% dos influenciadores brasileiros conseguem viver exclusivamente da produção de conteúdo. A maioria precisa manter outros empregos ou contar com a renda da família. E mais: muitos relatam ansiedade, esgotamento emocional e sensação de fracasso por não atingirem os números esperados. O que deveria ser liberdade vira dependência dos algoritmos. Nesse contexto, a falta de formação educacional agrava essa vulnerabilidade.

A situação piora quando essa lógica cruza com a dinâmica das apostas *on-line*. Dados do Banco Central apontam que os brasileiros movimentaram entre R\$ 20 bilhões e R\$ 30 bilhões por mês em plataformas de apostas só no início de 2025. De acordo com o DataSenado, 13% da população com mais de 16 anos fez apostas *on-line* no último mês, o equivalente a 22 milhões de pessoas. Destas, mais da metade relatou estar com dívidas em atraso, e jovens entre 18 e 29 anos são o principal grupo afetado.

Tragicamente, os impactos não se limitam ao bolso. Em novembro de 2024, o portal UOL revelou o caso de Vinícius Marinho Ferreira, um jovem de 28 anos que tirou a própria vida após acumular dívidas com *bets*. Histórias como essa se multiplicam em reportagens sobre o vício em apostas digitais, que misturam tecnologia, compulsão e desinformação. Psicólogos e psiquiatras vêm alertando para o crescimento de casos de ludopatia digital – vício em jogos *on-line* que pode levar à ruína financeira e ao sofrimento mental.

A ausência de filtros etários nas redes sociais, somada à linguagem informal e empática dos influenciadores, torna a publicidade de apostas ainda mais perigosa. Muitos adolescentes assistem a vídeos que *glamourizam* o jogo sem entender os riscos envolvidos e acabam acreditando que também podem ganhar dinheiro fácil, como quem joga *videogame*.



Monkey Business Images/Shutterstock.com

O governo federal sancionou, em 2023, a Lei 14.790, que regulamenta as apostas no Brasil. A lei exige que as empresas tenham sede no país e obriga o pagamento de impostos, mas não trata diretamente da publicidade feita por influenciadores digitais. Por isso, a CPI das *Bets* e outros projetos no Congresso buscam criar regras mais claras para proteger o público, especialmente os menores de idade, desse tipo de cilada.

Nesse cenário, é urgente refletir sobre o papel da educação. Estudar não significa apenas passar no vestibular ou ter um diploma: significa adquirir senso crítico, aprender a interpretar a realidade, saber avaliar riscos e reconhecer manipulações. A escola pode e deve ser um espaço onde os jovens aprendem a se posicionar no mundo digital, compreendendo que influenciar pessoas é uma responsabilidade que exige consciência ética e preparo intelectual.

Além disso, é preciso desconstruir a ideia de que o sucesso deve ser imediato e baseado em fama. O crescimento pessoal e profissional, na maioria das vezes, é resultado de processos longos, que envolvem esforço, aprendizado e frustrações. Apostar todas as fichas em uma carreira digital sem formação é, em muitos casos, uma armadilha disfarçada de liberdade, cujas consequências desastrosas recaem sobre os próprios jovens que optam por esse caminho.

Pesquisas do Reino Unido, como a divulgada pela British Standards Institution em 2025, revelaram que 47% dos adolescentes e jovens adultos prefeririam viver em um mundo sem redes sociais, dado o impacto negativo que elas têm sobre sua autoestima e saúde mental. Isso mostra que, por trás do brilho da influência, há também solidão, cobrança e sensação de insuficiência. Esse dado também convida à reflexão sobre a longevidade das redes sociais: será que durarão para sempre, como parece?

Portanto, é preciso estimular os jovens a sonhar, mas também a se preparar. Não há nada de errado em querer ser influenciador, o problema é deixar de estudar, se expor a riscos financeiros e comprometer o próprio futuro acreditando que essa é a única saída. Com conhecimento, é possível criar conteúdo relevante, ético e transformador. Sem ele, as chances de sucesso diminuem, e as chances de cair em armadilhas aumentam.

Sobre o(a) autor(a)



Acervo pessoal

Fernanda Lobo é doutoranda em Estudos Literários e editora de Linguagens e suas tecnologias.

Competências gerais da BNCC

1, 5, 6, 7, 10

Orientações

As redes sociais se tornaram o principal palco de visibilidade para a juventude contemporânea, especialmente no Brasil. Mais do que espaços de entretenimento, elas funcionam como vitrines onde se constroem identidades, aspirações e noções de sucesso. Nesse contexto, a figura do influenciador digital adquire um valor simbólico poderoso: é vista, por muitos jovens, como modelo de autonomia, criatividade e liberdade – e, por isso, torna-se também um espelho.

Mas o que significa desejar ser “influenciador” como projeto de vida? Como esse desejo se relaciona com o abandono dos estudos, com a ilusão da ascensão social rápida, com os algoritmos que selecionam quem pode ou não “viralizar”? Quando o sucesso depende do engajamento e este depende de uma lógica de mercado, o que acontece com a autonomia individual? Como essa estrutura afeta as escolhas e as formas de existências possíveis para os jovens de hoje?

Além disso, quando influenciadores divulgam conteúdos de risco, como plataformas de apostas *on-line*, novas camadas de complexidade são adicionadas. O consumo, mediado pela intimidade que esses criadores estabelecem com seu público, torna-se ainda mais eficaz, especialmente entre adolescentes. A publicidade se disfarça de conselho amigo e o marketing emocional ganha mais força do que argumentos racionais. Isso exige que se compreenda a influência digital não como um fenômeno à parte da vida real, mas como parte estruturante da experiência contemporânea.

Discutir esse tema, portanto, é discutir também educação. Não apenas no sentido escolar tradicional, mas como formação crítica diante dos dispositivos que moldam as subjetividades no presente. O que significa “ser livre” num ambiente onde tudo é dado como escolha, mas quase tudo é dirigido por impulsos moldados por algoritmos? Como educar o olhar para perceber o que está por trás das imagens que consumimos diariamente?

Mais do que oferecer respostas prontas, refletir sobre o papel dos influenciadores digitais é uma oportunidade de tensionar noções como liberdade, desejo, trabalho, sucesso e pertencimento.

Material complementar

Política, juventude e influenciadores digitais. Produção: Assembleia de Minas Gerais. Vídeo (24min43s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MwWqyUrubzM>. Acesso em: 11 jul. 2025.

CAFÉ da Manhã. Virginia na CPI e a relação entre *bets* e *influencers*. **Folha de São Paulo**, 14 de maio de 2025. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7BqY1UEeuJ12MH57BwfOPe?si=5ef22d30279b48df>. Acesso em: 11 jul. 2025.

DINO. Brasil lidera ranking mundial de influencers digitais. **Valor Econômico**, 9 set. 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2024/09/09/brasil-lidera-ranking-mundial-de-influenciadores-digitais.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2025.

Referências

FLACH, Natália. Apenas 9% dos influenciadores vivem da renda de criação de conteúdo.

Valor Econômico, 9 abr. 2025. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/marketing/noticia/2025/04/09/apenas-9percent-dos-influenciadores-vivem-da-renda-de-criacao-de-conteudo.ghhtml>. Acesso em: 11 jul. 2025.

HELDER, Darlan. Menores desdenham da educação e dizem ganhar mais do que médico vendendo curso para ser influencer. **G1 – Tecnologia**, 23 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/11/23/menores-desdenham-da-educacao-e-dizem-ganhar-mais-do-que-medico-vendendo-curso-para-ser-influencer.ghhtml>. Acesso em: 11 jul. 2025.

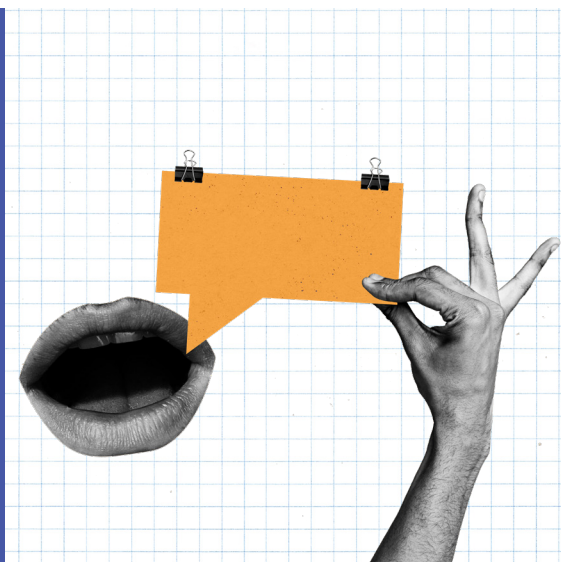
HÖPPNER, Stephanie. Geração online: muitos jovens querem viver sem redes sociais. **DW Brasil**, 6 fev. 2024. Disponível em: <https://p.dw.com/p/4uvAY>. Acesso em: 11 jul. 2025.

MALTA, Jessica. 75% dos jovens brasileiros sonham em ser influencers, diz pesquisa. **O Tempo**, 17 out. 2024. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/interessa/2024/10/17/75--dos-jovens-brasileiros-sonham-em-ser-influencers--diz-pesqui>. Acesso em: 11 jul. 2025.

SENADO FEDERAL. Mais de 22 milhões de pessoas apostaram nas 'bets' no último mês, revela DataSenado. **Agência Senado**, 1 out. 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/10/01/mais-de-22-milhoes-de-pessoas-apostaram-nas-bets-no-ultimo-mes-revela-datasenado>. Acesso em: 11 jul. 2025.

REFLEXÃO NA PRÁTICA

- Influenciadores digitais como formadores de opinião
- Redes sociais e construção de imagens idealizadas
- Pressão estética e padrões inalcançáveis de sucesso
- Juventude, internet e escolhas profissionais
- Educação midiática e formação crítica do olhar
- Liberdade de expressão x responsabilidade social nas redes



Roman Samborski/Shutterstock.com.
natrot/Shutterstock.com

Organizando as ideias

- 1** Descreva, com suas próprias palavras, o que caracteriza um influenciador digital hoje em dia. Você pode mencionar aspectos como sua relação com o público, os conteúdos que produz e os meios pelos quais exerce influência.
- 2** Aponte dois impactos positivos e dois impactos negativos que a atuação de influenciadores pode gerar entre os jovens. Use exemplos que você já viu ou vivenciou nas redes sociais.
- 3** Compare o desejo de ser influenciador com outras profissões que exigem formação mais longa (como medicina, docência, engenharia etc.). O que muda nas expectativas, no tempo de retorno, nos riscos e nas recompensas?

Debate e reflexão

Crie uma *thread* com até cinco postagens sobre um(a) influenciador(a) digital que você acompanha ou conhece bem. Na *thread*, procure:

- Apresentar quem é a pessoa e que tipo de conteúdo ela produz.
- Contar o que você gosta (ou não gosta) nesse perfil.
- Refletir sobre como esse conteúdo pode influenciar decisões do dia a dia (roupas, hábitos, opiniões, estudos etc.).
- Pesquisar se essa pessoa já se envolveu em polêmicas, campanhas publicitárias ou debates sobre responsabilidade nas redes.
- Encerrar com uma pergunta ou provocação para quem for ler: algo que estimule o diálogo.
- Depois, compartilhe sua *thread* com colegas e, em conjunto, escolham algumas para comentar em grupo. O que aparece com mais frequência? Que imagem de juventude está sendo construída? Que outras formas de influência existem fora da internet?

No vestibular

(Enem/MEC)

“Vida perfeita” em redes sociais pode afetar a saúde mental

Nas várias redes sociais que povoam a internet, os chamados *digital influencers* estão sempre felizes e pregam a felicidade como um estilo de vida. Essas pessoas espalham conteúdo para milhares de seguidores, ditando tendência e mostrando um estilo de vida sonhado por muitos, como o corpo esbelto, viagens incríveis, casas deslumbrantes, carros novos e alegria em tempo integral, algo bem improvável de ocorrer o tempo todo, aponta Carla Furtado, mestre em psicologia e fundadora do Instituto Felicidade.

A problemática pode surgir com a busca incessante por essa felicidade, que gera efeitos colaterais em quem consome diariamente a “vida perfeita” de outros. Daí vem o conceito de positividade tóxica: a expressão tem sido usada para abordar uma espécie de pressão pela adoção de um discurso positivo, aliada a uma vida editada para as redes sociais. Para manter a saúde mental e evitar ser atingido pela positividade tóxica, o uso racional das redes sociais é o mais indicado, aconselha a médica psiquiatra Renata Nayara Figueiredo, presidente da Associação Psiquiátrica de Brasília (APBr).

Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br>.
Acesso em: 21 nov. 2021 (adaptado).

Associada ao ideário de uma “vida perfeita”, a positividade tóxica mencionada no texto é um fenômeno social recente, que se constitui com base em

- A.** representações estereotipadas e superficiais de felicidade.
- B.** ressignificações contemporâneas do conceito de alegria.
- C.** estilos de vida inacessíveis para a sociedade brasileira.
- D.** atitudes contraditórias de influenciadores digitais.
- E.** padrões idealizados e nocivos de beleza física.

Na hora da redação

O tema dos influenciadores digitais e da construção de imagens idealizadas nas redes sociais pode aparecer em propostas de redação que discutem questões como juventude, cultura digital, saúde mental, consumo, trabalho contemporâneo ou ética na internet. Uma proposta típica poderia tratar, por exemplo, dos efeitos da “vida perfeita” mostrada nas redes ou do impacto da influência digital nas escolhas profissionais dos jovens.

Para usar esse conteúdo com qualidade na redação, é importante:

- Apresentar o fenômeno com clareza, explicando o que caracteriza a influência digital hoje e por que ela impacta tantos jovens.
- Citar casos exemplares, como o da influenciadora Virginia Fonseca sendo convocada à CPI das Apostas, para ilustrar o poder e os limites dessa influência.
- Mobilizar conceitos críticos, como positividade tóxica, pressão estética, algoritmos ou economia da atenção.
- Articular consequências sociais, como o abandono dos estudos, endividamento por apostas ou adoecimento psíquico.
- Apontar possíveis soluções, como educação midiática nas escolas, regulação da publicidade nas redes ou valorização de trajetórias formativas mais diversas.

Dica para o professor

Organizando as ideias

As atividades propostas visam conduzir os estudantes à identificação e comparação de ideias. Ao pedir que descrevam, apontem e comparem, favorece-se a formação da visão crítica. Essas tarefas funcionam como porta de entrada para discussões mais complexas, ao mesmo tempo em que ajudam a localizar a percepção dos jovens sobre influência, trabalho e formação. As respostas são pessoais.

Debate e reflexão

Esta atividade estimula os alunos a refletirem sobre o papel dos influenciadores digitais em suas vidas. Ao criar a *thread*, eles exercitam a escrita autoral, o pensamento crítico e a análise do consumo de mídia.